



RESENHA CRÍTICA – Wagner Moura em um laboratório estético- político-pedagógico

ANA CLÁUDIA CAVALCANTE

Atriz, Jornalista e Doutora em Artes
Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação
em Artes Cênicas da Universidade Federal
da Bahia (UFBA).



FIGURA 1
Foto de divulgação
do espetáculo *Um
julgamento - Depois
do Inimigo do Povo*.
Imagem de Caio Lírio.

A Verdade acabou? Se de fato a Verdade sucumbiu, levou com ela a busca incessante das ciências, da religião, da justiça e do próprio jornalismo como forma de conhecimento. O espetáculo multimídia *Um julgamento - Depois do Inimigo do Povo* joga uma pedra nessa conformação da sociedade contemporânea a um mundo de narrativas em confronto, onde vence a versão do mais poderoso, ou seja, daquele que pode impulsionar e sustentar uma versão conveniente. Assim, os detentores do poder – micro e macro – seriam os donatários da verdade? Talvez das verdades transitórias; e a peça é um exemplo de que a disputa é também incessante.



Desconstruindo e reconstituindo, simultaneamente, a obra *Um Inimigo do Povo*, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906), texto referencial do Realismo na literatura mundial, o espetáculo protagonizado por Wagner Moura, sob direção de Christiane Jatahy, dialoga com as peças didáticas de Bertolt Brecht, bem como remete a propostas de Augusto Boal em sua *Estética do Oprimido*, muito embora a sua base de interpretação/atuação realista colabore com a reconstituição de fatos que estão presentes no drama original; dramaturgia que segue de forma plena a convenções que indicam uma forma encadeada e causal de narrar, atualizar conflitos e construir personagens. Ainda que o julgamento não siga fidedignamente aos ritos dos tribunais, a encenação busca uma verossimilhança interna, que é convincente, pois que os atores implicados buscam a excelência, mantendo uma oratória plausível, emocional e permeada por silêncios significativos, que ajudam a construir a atmosfera ficcional.

Com fundamento nessa causalidade lógica, Wagner Moura conduz um laboratório estético-político-pedagógico, juntamente com os atores Danilo Grangheia, Julia Bernat e, na temporada em Salvador¹, com Fernanda Paquelet e Marcelo Flores, propondo um espetáculo que, para além do conflito individual, contempla contradições (de natureza sociopolítica) e, embora didático, não retira a complexidade da roda. As ações pretéritas que mobilizam a ação presencial se presentificam por meio da projeção e da contracena com slides, filmes, vídeos, alguns previamente gravados, em que podemos apreciar a participação remota de um outro elenco composto por atores como Marjorie Estiano, Jonas Bloch, Salvador Moura, Antônio Falcão, Antônio Rabello, José Moura, Tatiana Henrique, Henry Soares Paes Leme, além da participação de atuentes que trazem “depoimentos” dos cidadãos afetados pela questão em disputa na trama.

Transposta para o Brasil contemporâneo, a personagem central do drama, Dr. Thomas Stockmann, teve a vida pessoal e profissional destroçada ao revelar para a sua comunidade uma verdade incômoda. As águas do balneário, principal fonte de renda do município e de seus habitantes, estão contaminadas e podem acarretar diversos problemas de saúde aos cidadãos e aos turistas, o que envolve acima de tudo uma responsabilidade sócio-ambiental dos gestores. O médico e cientista sustenta essa verdade a qualquer preço, perdendo posição social, credibilidade, reputação, equilíbrio familiar, paz interior. A maioria dos moradores dessa comunidade prefere uma versão que não atrapalhe os negócios, que não ameace os empregos e que mantenha o empreendimento turístico em funcionamento – doa a quem doer.

¹ A primeira temporada do espetáculo *Um Julgamento – depois do inimigo do povo* foi realizada em Salvador, de 03 a 12 de outubro de 2025, no Trapiche Barnabé (Comércio). Realização: Centro Cultural Banco do Brasil.



Temos o atrito não meramente de duas versões, mas o confronto entre saúde *versus* economia, o que o roteiro deixa claro, remete ao desafio que foi enfrentar a pandemia de covid-19 – com gestores negacionistas e cruéis. Ainda que irmão do prefeito, genro do principal acionista do empreendimento turístico, o verdadeiro “tubarão”², o médico aposta todas as fichas nos princípios científicos que lhe são caros.

Seria o Dr. Stockman um antidemocrata, com tendências totalitárias, paternalista, com traços fascistas, ao abominar a ideia de que a maioria detém o poder? Onde acaba o poderio da unanimidade estúpida, em estreita cumplicidade com déspotas (esclarecidos ou não) e começa a voz, mesmo que dissidente, das minorias, dos educadores, dos artistas e dos agentes de todas as formas de conhecimento, seja Ciência, Arte ou Filosofia? Como é possível o bom senso e o consenso nas diversas possibilidades do exercício democrático, do qual o teatro é também fruto?

O texto, desenvolvido por Christiane Jatahy, Wagner Moura e Lucas Paraizo, utiliza um esteio realista que possibilita a simulação do ambiente das cortes e tribunais, forjando a relação desse ambiente com as interferências advindas dos vídeos e slides projetados, que, além de recurso cênico, traz para o debate a relação contemporânea com as redes, os canais e as plataformas digitais e com dispositivos que geram conteúdos, tais como o celular.

A montagem de Christiane Jatahy³ deixa o último ato, a resposta final ou veredito para o público. Isso é bastante provocativo em um Brasil que vivenciou na sua história recente *impeachment* fraudulento; prisões arbitrárias de políticos, que foram posteriormente revertidas; slides feitos no PowerPoint, convertidos em provas cabais; julgamentos que mexeram com os ânimos da nação (e com tiranos forasteiros) – como somente uma final de Copa do Mundo faria. Não esqueçamos que já vivenciamos controversos 7X1. O Brasil, como nação, sabe perder e precisa aprender a ganhar.

Em uma votação, em que a maioria simples vence, o público decide o final. Voto eletrônico. Seriam esses votos auditáveis? Ou tudo não passaria de um jogo que envolve tecnologias da informação, comunicação, inteligência artificial, hackeamento, *mise en scène*. A produção combinou o resultado com aqueles ditos espectadores. Seriam eles apenas figurantes, receberam um pão com mortadela...? Em julgamento, não só o doutor, convertido em réu, em perigoso inimigo, mas também os “cancelamentos” cotidianos, os linchamentos morais, o *bullying*, as *fake news*,

2 O espetáculo *Um julgamento - Depois do Inimigo do Povo* (Christiane Jatahy), bem como o filme também protagonizado por Wagner Moura *Um Agente Secreto* (Kleber Mendonça Filho) fazem referência ao filme *Tubarão* (1975), dirigido por Steven Spielberg.

3 Espetáculo multimídia: *Um julgamento - Depois do Inimigo do Povo*, baseado na obra de Henrik Ibsen. Um projeto de Christiane Jatahy e Wagner Moura. Direção: Christiane Jatahy. Texto: Christiane Jatahy, Lucas Paraizo e Wagner Moura. Com: Wagner Moura, Danilo Grangheia e Julia Bernat. Na primeira temporada, o espetáculo contou com a participação dos atores Marcelo Flores e Fernanda Paquelet. No filme: Marjorie Estiano, Jonas Bloch, Salvador Moura, Antonio Falcão, Henry Soares Paes Leme e José Moura. Participação on-line: Tatiana Henrique. Cenografia, iluminação e colaboração artística: Thomas Walgrave. Figurinos: Marina Franco. Direção de fotografia e câmera: Paulo Camacho. Criação do sistema de vídeo: Julio Parente. Desenho de som e



a manipulação de todas as formas, a invasão de privacidade, a espetacularização do público e do privado, dentre outras mazelas deste final dos tempos. Tudo isso está posto no jogo cênico claramente; só falta desenhar.

Sem apostar em grandes efeitos de iluminação, em adereços ou peças de figurino repletos de significados; usando recursos tecnológicos como suporte para a contextualização e efeito poético; sem retirar o peso do drama de Ibsen, que serve de ponto de partida, se estabelece a montagem. Com um humor sutil e inteligente, uma dicção perfeita dos atuentes e uma oratória muito bem direcionada, o espetáculo, ainda que exalte esse nosso grande artista brasileiro, Wagner Moura, bem sucedido internacionalmente⁴, mobilizando as expectativas dos diversos públicos, promove uma encenação não necessariamente afável e agradável – ao confrontar o público-cidadão e requerer deste uma posição diante dos fatos (ou provas) expostos.

Se a “Verdade” acabou, a poesia, com certeza, resiste. Pois que a peça esboça um lirismo ao propor uma circularidade, termina como começa, dando, no entanto, um salto de energia ao fim, entrando em nova espiral, utilizando para isso um daqueles sambas⁵ que rasga o coração e enche o sujeito de esperança na verdade verdadeira.

mixagem: Pedro Vituri.
Produção em Salvador:
Aldente Produções.
Coordenador de produção: Henrique Mariano.

⁴ Enquanto esta edição do Cadernos do GIFE-CIT (55) estava sendo finalizada, Wagner Moura recebeu o Globo de Ouro como “Melhor ator em filme de drama” pela sua atuação no filme *Agente Secreto* do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho. O longa recebeu também o prêmio de “Melhor filme em língua não-inglesa”. A cerimônia de premiação foi realizada no dia 11/01/2026, em Los Angeles, Califórnia (Estados Unidos).

⁵ Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Quero assistir ao Sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar

Quero assistir ao Sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar
Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Preciso me encontrar. Sucesso de
Cartola, composição de Antônio
Candeia Filho